



Estratégias utilizadas por tradutores-intérpretes de Libras na interpretação dos termos técnicos matemáticos

Sara da Silva Bueno*, Aryane Santos Nogueira.

Resumo

A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE no. 89391518.2.0000.8142), buscou compreender as especificidades da atuação de tradutores-intérpretes de Libras nas aulas de Matemática, por meio da investigação das técnicas utilizadas em situações reais de interpretação e de suas possíveis dificuldades. A modalidade de pesquisa adotada é a qualitativa de caráter interpretativista e os dados analisados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas. Intencionamos contribuir com o trabalho dos tradutores-intérprete de Libras e a participação dos alunos surdos no ambiente educacional inclusivo.

Palavras-chave:

Tradutor-intérprete de Libras, matemática, educação.

Introdução

O intérprete de Libras surgiu da necessidade de mediação comunicativa entre surdos e ouvintes. No Brasil, se tornou formal com a oficialização da língua de sinais a partir da Lei nº 10.436/02. Como a oficialização da profissão ainda é recente, há muito o que estudar sobre a formação do profissional e sua atuação no ambiente escolar. Considerando tal lacuna, tivemos como objetivo entender as especificidades da atuação dos intérpretes nas aulas de Matemática, por meio da investigação das técnicas utilizadas na interpretação de termos técnicos e suas possíveis dificuldades.

Resultados e Discussão

Entrevistamos nove intérpretes de quatro escolas públicas do interior de São Paulo. Os profissionais responderam a um questionário semi-estruturado de treze perguntas voltadas para a situação de interpretação e as práticas e técnicas utilizadas em sala de aula. Após transcrição e análise das entrevistas, percebemos que apesar de não serem apresentadas técnicas específicas para a interpretação dos termos técnicos matemáticos, há três estratégias principais utilizadas pelos intérpretes em sala: 1. Intérpretes que combinam sinais com os alunos: eles explicam o conceito atrelado ao termo técnico, fazem a soletração manual da palavra correspondente ao termo e combinam momentaneamente um sinal com os alunos surdos; 2. Intérpretes que creditam a compreensão do aluno à visualidade do conteúdo matemático: acreditam que os alunos são capazes de compreender a matéria só de olhar na lousa, e tem domínio e utilizam-se dos sinais básicos usados nas aulas de matemática; 3. Intérpretes que usam a “linguagem” do aluno surdo: dispensam a utilização dos termos técnicos, pois entendem que os alunos para os quais realizam a interpretação fariam uso de uma língua de sinais mais rudimentar.

Os relatos dos intérpretes mostraram uma participação reduzida nas aulas de matemática, (ver excerto 1):

Excerto 1 - trecho de entrevista com intérprete X

“[...] a maioria das vezes a gente deixa o aluno mais livre também, porque ele gosta de acompanhar na lousa a explicação do professor, [...]”

Fonte: dados coletados pela autora.

Isso ocorre devido a parceria intérprete/professor que são descritos pelos intérpretes como sendo experientes com os alunos surdos por atuarem em escolas pólo ou por recebem alunos surdos com frequência. Eles também pontuam sobre a relação dos alunos surdos com a matemática, (ver excerto 2):

Excerto 2 - trecho de entrevista com intérprete Y

“[...] no geral, os surdos têm mais facilidade nas aulas de exatas, porque é aquilo, né? Eles não tem que pensar. É [...] aprendeu a fazer, aprendeu a construir os sistemas matemáticos, sempre vai chegar num resultado [...]”

Fonte: dados coletados pela autora.

Os intérpretes entrevistados e os professores descritos sugerem seguir a tendência Formalista Clássica e Moderna da matemática, onde a pedagogia se baseia nos livros e no professor e seu papel de transmissor e expositor do conteúdo através de desenvolvimentos teóricos na lousa e onde a aprendizagem do aluno consiste na memorização e reprodução dos raciocínios ditados e a matemática é vista através de padrões, e tendências empírico-sensualistas onde se acredita que basta a observação para a descoberta das idéias matemáticas (FIORENTINI, 1994). Por mais que recursos como tablets e sala de recurso estejam presentes nas escolas participantes da pesquisa, como relatam os intérpretes, a utilização destes é mais frequente quando profissionais externos à escola apresentam projetos ou por professores de outras áreas.

Conclusões

Foi possível perceber que a representação que os intérpretes têm da matemática e dos alunos surdos como sendo visuais está guiando o modo como eles conduzem a tradução e interpretação dos conteúdos apresentados pelos professores, em específico, dos termos técnicos objeto desta pesquisa. Tendências pedagógicas tradicionais ainda são muito presentes no ensino da matemática como um todo e podem colaborar com a manutenção de tais representações guiando a construção dos papéis de aluno, professor e intérprete em sala.

BRASIL. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, abril 2002.

FIORENTINI. D. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. Revista Zetetiki, Ano3, n.4, 1995.